

MULHERES, FUMO E HISTÓRIA: EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E HISTÓRIA LOCAL

WOMEN, TABACCO AND HISTORY: ANTI-RACIST EDUCATION AND LOCAL HISTORY

Gabrielle Soares Magalhães¹

¹Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: gabrielleacademicos@gmail.com

RESUMO: Este relato apresenta a experiência extensionista desenvolvida no município de Cachoeira (BA), a partir da criação da revista didática *As Charuteiras*: resistência de gênero e raça na produção de fumo no Recôncavo Baiano. A ação teve como objetivo central promover uma prática pedagógica antirracista e decolonial no ensino fundamental, por meio da valorização das memórias e vivências de mulheres negras que atuaram na indústria fumageira local. O projeto foi realizado em parceria com a Escola Municipal Edwaldo Brandão Correia, envolvendo estudantes do 7º e 8º anos, professores da rede pública e discentes da licenciatura em História. As atividades incluíram planejamento pedagógico colaborativo, rodas de conversa, análise de fontes históricas (jornais antigos), oficinas temáticas, produção de desenhos e poemas, além da aplicação de um conto inédito que abordava, de forma ficcional, o cotidiano das charuteiras. O uso de metodologias participativas e integradas possibilitou a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, ao mesmo tempo em que promoveu a escuta ativa das comunidades envolvidas, resgatando histórias silenciadas e fortalecendo vínculos identitários. Os principais resultados observados foram o aumento do engajamento discente, a construção de uma consciência crítica sobre desigualdades de raça e gênero, e a apropriação da história local como ferramenta formativa. A proposta demonstrou a relevância social da universidade pública ao contribuir para a formação cidadã e para a valorização de saberes historicamente marginalizados, consolidando a extensão como espaço de transformação e diálogo com a realidade vivida pela comunidade.

Palavras-chave: educação; charuteiras; história local.

ABSTRACT: This report presents the extension experience undertaken in the municipality of Cachoeira, Bahia (Brazil), through the creation of the didactic magazine *As Charuteiras*: Resistance of Gender and Race in the Tobacco Production of the Recôncavo Baiano. The main objective of this initiative was to promote an anti-racist and decolonial pedagogical practice in elementary education by valuing the memories and experiences of Black women who worked in the local tobacco industry. The project was developed in partnership with the Municipal School Edwaldo Brandão Correia, involving 7th and 8th-grade students, public school teachers, and undergraduate students in History teacher training programs. The activities encompassed collaborative pedagogical planning, talking circles, analysis of historical sources (such as old newspapers), thematic workshops, the creation of drawings and poems, as well as the implementation of an original short story that fictionally portrayed the daily lives of the charuteiras (female Tobacco workers). The use of participatory and integrated methodologies enabled the articulation between teaching, research, and extension, while also fostering active listening to the communities involved, rescuing silenced histories, and strengthening identity bonds. The main results observed included increased undergraduate student's engagement, the development of critical awareness regarding racial and gender inequalities, and the appropriation of local history as an educational tool. The project highlighted the social relevance of public universities by contributing to civic education and the valorization of historically marginalized knowledge, thus consolidating extension activities as a space for transformation and dialogue with the lived reality of the community.

Keywords: education; charuteiras; local history.

INTRODUÇÃO

O ensino de História tem sido atravessado, nas últimas décadas, por debates que questionam a neutralidade do conhecimento histórico e reivindicam a valorização de sujeitos, saberes e experiências historicamente silenciadas. Nesse contexto, as perspectivas antirracistas e decoloniais têm assumido centralidade ao problematizar currículos eurocentrados e ao evidenciar como o racismo estrutural e as desigualdades de gênero moldaram tanto a produção do conhecimento quanto as narrativas ensinadas nas escolas. Tais debates se tornam ainda mais relevantes quando articulados à história local, capaz de aproximar os estudantes de experiências concretas e de sujeitos (que levamos em consideração a possibilidade de serem seus antecessores) historicamente invisibilizados e que participaram da criação do que hoje é considerado Recôncavo Baiano.

Inserido nesse horizonte de teoria e educação, este artigo analisa a experiência de elaboração da revista didática *As Charuteiras*: resistência de gênero e raça na produção de fumo no Recôncavo Baiano, desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), com orientação e coordenação do Prof. Dr. Leandro de Almeida. A proposta da revista partiu depois de analisarmos a bibliografia inicial do programa e vermos necessidade de construir práticas pedagógicas comprometidas com a educação antirracista, valorizando a história das mulheres negras trabalhadoras da indústria fumageira do Recôncavo Baiano, frequentemente representadas de forma estereotipada, romantizada ou reduzidas a papéis secundários na historiografia tradicional.

Ao tomar as charuteiras como eixo central, o trabalho busca deslocar narrativas hegemônicas que associam a indústria do fumo apenas ao progresso econômico regional, evidenciando as relações de exploração, controle patronal e desigualdades de gênero e raça que marcaram o cotidiano fabril. Ao mesmo tempo, enfatiza as múltiplas formas de resistência cotidiana construídas por essas mulheres, reconhecendo-as como sujeitos históricos ativos, produtoras de saberes e portadoras de memórias e ancestralidades que atravessam o território.

Trata-se, portanto, de um relato de experiência que discute a produção coletiva de um material didático como estratégia pedagógica, articulando ensino de História, iniciação a docência e pesquisa-ação. Ao dialogar com referenciais decoloniais, antirracistas e com estudos sobre história local e do trabalho (que para a produção da

revista foram o foco principal), o artigo pretende contribuir para reflexões sobre práticas educativas comprometidas com a descolonização dos currículos e com a construção de narrativas históricas plurais, ancoradas nas experiências de sujeitos historicamente subalternizados.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A análise histórica das mulheres negras fumageiras de São Félix e Cachoeira demanda um estudo que articule trabalho, raça, gênero, memória e capitalismo, considerando o Recôncavo Baiano como espaço marcado por permanências do sistema escravista e por formas específicas de inserção da população negra no mundo do trabalho após a abolição. A indústria fumageira, especialmente a Fábrica de Charutos Dannemann & Cia, constitui-se como um objeto de importante estudo para compreender essas dinâmicas, uma vez que estruturou relações de trabalho profundamente hierarquizadas e racializadas, nas quais as mulheres negras ocuparam posição central e, ao mesmo tempo, subalternizada.

Os estudos de Luciana Guerra Santos Mota (2014) permitem compreender a indústria do fumo como elemento estruturante da economia e da organização urbana das cidades do Recôncavo. Ao analisar as manufaturas de fumo enquanto patrimônio industrial, a autora evidencia a importância dessas fábricas para a conformação social e econômica de localidades como São Félix e Cachoeira, sendo um dos locais físicos mais importante de revisitar quando pensamos em entender a dinâmica das fábricas, algumas delas servindo atualmente como museu, como a Fábrica de Charutos Leite & Alves. Ainda que seu foco recaia sobre os edifícios e a materialidade industrial, suas análises revelam que tais espaços só se sustentaram a partir da intensa exploração da força de trabalho, sobretudo feminina e negra, apontando para a necessidade de deslocar o olhar do patrimônio edificado para os sujeitos históricos que deram vida a essas estruturas. Pensando nisso, torna-se notável o silenciamento não só das vozes, como da presença dessas mulheres de formas ativas a nível de manter as fábricas funcionando, tendo esse foco sendo desviado quando visitamos as fábricas que mantêm as portas abertas ainda hoje, no momento atual.

É nesse deslocamento que a contribuição de Elizabete Rodrigues da Silva (2011) se torna central. A autora analisa o trabalho das mulheres fumageiras a partir da divisão sexual do trabalho, demonstrando que a presença feminina nas fábricas

não era ocasional, mas constitutiva do modelo produtivo. Segundo Silva, as tarefas atribuídas às mulheres (como enrolar, selecionar e finalizar os charutos) eram socialmente associadas a uma suposta “habilidade natural” feminina, o que servia para legitimar salários mais baixos, maior controle sobre aqueles corpos e menor reconhecimento social. Essa divisão, longe de ser inocente, estava profundamente atravessada por relações patriarcais e raciais, que posicionavam as mulheres negras na base da hierarquia fabril. Carlos Augusto Braga (2021), autor e palestrante de grande importância para a produção do material didático, aprofunda essa discussão ao evidenciar que o trabalho das mulheres negras foi o eixo central da acumulação de capital na indústria fumageira, especialmente na Cia. de Charutos Dannemann. Para o autor, a modernização da produção não rompeu com as estruturas herdadas do escravismo, mas as reconfigurou ou ressignificou sob novas formas de dominação. A racialização do trabalho operário, expressa na concentração de mulheres negras nas funções mais repetitivas e manuais, constituiu em uma estratégia patronal de controle da força de trabalho e de intensificação da exploração, nesse sentido, a fábrica não aparece como espaço de progresso social, mas como local de atualização das desigualdades raciais e de gênero no capitalismo brasileiro.

Ao dialogar com Silva (2011), Braga (2021) demonstra que a fragmentação das tarefas e a separação entre concepção e execução do trabalho reduziram a autonomia das operárias, ao mesmo tempo em que se apropriaram de seus “saberes tradicionais”. O conhecimento acumulado pelas mulheres negras, transmitido entre gerações, foi incorporado ao processo produtivo sem reconhecimento simbólico ou material, “convertendo-se em fonte de mais-valia para o patronato”. Ainda assim, o autor evidencia que essas trabalhadoras não foram passivas, desenvolvendo estratégias de resistência que iam desde pequenas transgressões cotidianas até greves e paralisações abertas.

A dimensão da memória e da vida para além da fábrica é aprofundada por Viviane dos Santos Silva (2023), que analisa as experiências das mulheres fumageiras articulando trabalho e família. A autora demonstra que o trabalho na charutaria teve impactos diretos na organização da vida doméstica e comunitária, sendo fundamental para a sobrevivência das famílias negras no contexto pós-abolição. O salário das mulheres, embora marcado pela precariedade, sustentava lares inteiros e redefinia papéis sociais, possibilitando as trabalhadoras um protagonismo econômico que contrastava com sua invisibilidade social. Ao mobilizar

relatos orais, Viviane Silva (2023) evidencia que a memória das mulheres fumageiras constitui um campo de disputa histórica. Suas narrativas revelam não apenas a dureza do trabalho e as formas de exploração vivenciadas, mas também os vínculos de solidariedade, os saberes compartilhados e os sentidos atribuídos à experiência fabril. Essa abordagem dialoga diretamente com Elizabete Rodrigues da Silva (2011), ao reconhecer que a história das mulheres fumageiras só pode ser plenamente compreendida quando se considera suas próprias vozes e percepções sobre o trabalho e a vida, nos levando a perceber que essas mulheres não tinham em suas vidas apenas uma dupla jornada de trabalho, mas sim tripla ou quádrupla jornada de trabalho, se levarmos em consideração o trabalho nas fábricas, a produção de fumo doméstico para renda extra, o cuidado com os filhos e cuidado com a casa.

Dessa forma, a articulação entre Mota (2014), Silva (2011), Braga (2021) e Silva (2023) permite compreender a fábrica Dannemann e a indústria fumageira do Recôncavo Baiano como espaços onde se entrecruzam modernização econômica, exploração racializada e resistência feminina. As mulheres negras fumageiras não foram apenas mão de obra disponível, mas agentes centrais na sustentação da economia regional, mesmo sendo sistematicamente invisibilizadas pelos discursos oficiais e pelos registros empresariais. Logo, compreendemos as fumageiras como sujeitas históricas cujas experiências revelam os limites da abolição, a permanência do racismo estrutural e as formas específicas de exploração do trabalho feminino no Brasil. Ao colocar essas mulheres no centro da análise em nosso material didático, torna-se possível trabalharmos e compreendermos a indústria fumageira em sala de aula não apenas como empreendimento econômico, mas como espaço de produção de desigualdades e, simultaneamente, de construção de resistências cotidianas no Recôncavo Baiano.

As atividades desenvolvidas a partir da revista *As Charuteiras* possibilitaram problematizar a ideia de que as mulheres fumageiras do Recôncavo Baiano teriam sido sujeitas passivas diante das condições impostas pela indústria do fumo. Ao contrário, as fontes históricas e os debates mobilizados evidenciam que essas trabalhadoras construíram múltiplas formas de resistência cotidiana, muitas vezes sutis e inscritas no próprio fazer do trabalho. As lutas das fumageiras não se restringiram às greves ou às mobilizações coletivas organizadas, mas se materializaram também em práticas diárias de enfrentamento à exploração e ao controle patronal. Entre essas estratégias estavam o descumprimento parcial das

normas fabris, o controle do ritmo de produção, as ausências estratégicas, as negociações informais com mestres e contramestres e, de forma recorrente, o desvio de pequenas quantidades de folhas de fumo como forma de compensação simbólica e material diante dos baixos salários. Essas práticas, longe de representarem simples indisciplina, configuravam formas de crítica prática ao modelo de produção. A dissertação de Braga (2021) aprofunda essa análise ao demonstrar que as operárias negras desenvolveram uma verdadeira “crítica prática” ao regime fabril, expressa no controle consciente do tempo e da intensidade do trabalho. Casos de suspensões disciplinares, advertências e punições registradas nos documentos patronais revelam não apenas o autoritarismo da gestão, mas também a recusa das trabalhadoras em submeter-se integralmente às exigências de produtividade impostas pelas empresas. Como observa o autor, essas ações cotidianas expressavam disputas constantes sobre o controle do processo de trabalho e sobre os limites da exploração capitalista.

As narrativas das fumageiras, recuperadas por meio da história oral e dos registros documentais, revelam percepções críticas sobre o trabalho, a disciplina e as hierarquias de gênero e raça. Muitas mulheres reconheciam a dureza da rotina fabril, mas também identificavam o trabalho como espaço de sociabilidade, troca de saberes e construção de redes de solidariedade entre as operárias. Essas relações fortaleciam estratégias coletivas de apoio e resistência, especialmente diante das práticas de vigilância e punição exercidas pelos patrões.

O pensamento decolonial, nesse sentido, constitui um eixo fundamental do trabalho ao questionar a centralidade do conhecimento eurocêntrico e denunciar a colonialidade do saber, do poder e do ser, conceitos utilizados pela intelectual Bárbara Carine (2023) em seu livro *Como ser um educador antirracista*. Essa perspectiva permite compreender que as desigualdades raciais não são resquícios do passado, mas estruturas históricas continuamente reproduzidas nos currículos escolares e nas práticas pedagógicas. Ao dialogar com o antirracismo, o pensamento decolonial orienta a construção de propostas educativas que enfrentam o racismo estrutural, rompem com narrativas hegemônicas e reconhecem a legitimidade dos saberes produzidos por populações historicamente subalternizadas.

Nesse debate, as contribuições de Nilma Lino Gomes (2012) também são centrais. A autora destaca que a educação antirracista exige uma mudança epistemológica profunda, que vá além da inclusão pontual de conteúdos sobre a população negra, demandando a descolonização dos currículos e das práticas

educativas. Para a autora, os sujeitos negros não devem ser vistos apenas como objetos de estudo, mas como produtores de conhecimento, cujas experiências, corporeidades, memórias e ancestralidades “tensionam e reconfiguram o campo educacional”. Assim, a proposta da revista se alinha à compreensão de que trabalhar a história das charuteiras é também um exercício de descolonização curricular e de afirmação de outras formas de produzir e transmitir conhecimento histórico. A noção de ancestralidade, entendida como princípio político, epistemológico e pedagógico, também fundamenta a proposta. Dialogando com Luiz Rufino (2019), na obra *Pedagogia das Encruzilhadas*, compreende-se a ancestralidade não como um retorno ao passado, mas como uma força viva que atravessa o presente e possibilita outras formas de existência, saber e aprendizagem. A pedagogia das encruzilhadas propõe uma educação comprometida com a transgressão das lógicas coloniais, valorizando saberes de “fresta, narrativas orais, memórias corporais e práticas culturais negras” como fundamentos legítimos da produção do conhecimento. Essa perspectiva inspira a construção da revista enquanto material didático que cruza linguagens, tempos e saberes, reconhecendo as charuteiras como sujeitos históricos e principalmente como ancestrais do território.

Além disso, o ensino de História é compreendido como um campo que deve dialogar com as experiências concretas dos estudantes e com o território em que estão inseridos. Nesse aspecto, recorre-se a Circe Bittencourt (2008), que defende o uso de diferentes linguagens e fontes históricas no processo educativo, bem como a valorização da história local como estratégia para o desenvolvimento do pensamento histórico crítico. Os estudos sobre o Recôncavo baiano, como os de Silva (2015), Guerra (2014), contribuem para compreender a especificidade da indústria fumageira e suas relações com as heranças escravistas, o trabalho feminino negro e as dinâmicas econômicas regionais. Dessa forma, a bibliografia utilizada na produção da revista *As Charuteiras* sustenta a ideia de uma prática educativa antirracista e decolonial, comprometida com a descolonização dos currículos, a valorização da ancestralidade negra e a construção de uma consciência histórica crítica a partir da história local.

As atividades pedagógicas realizadas com os estudantes permitiram, ainda, tensionar a visão estereotipada sobre a indústria fumageira, frequentemente representada de forma romantizada, como símbolo de progresso econômico e modernização do Recôncavo. A leitura crítica dos textos de Silva (2013) e Braga

(2021) evidenciou que essa narrativa oculta as condições precárias de trabalho, o racismo estrutural e a exploração de gênero que sustentaram o funcionamento das fábricas. Conforme discutido em sala, a imagem da charuteira como figura dócil, obediente e naturalmente habilidosa é uma construção histórica que serviu para legitimar a superexploração do trabalho feminino negro. Ao evidenciar as práticas de resistência cotidiana e as vozes das próprias trabalhadoras, a revista contribuiu para deslocar esse imaginário estereotipado e reafirmar as charuteiras como sujeitos históricos ativos, produtores de saberes e agentes de transformação.

METODOLOGIA

Cabe destacar que os dados apresentados ao longo deste relato não derivam de uma pesquisa acadêmica formal, com procedimentos sistemáticos de coleta e análise de dados, mas do processo de monitoramento e avaliação da ação extensionista desenvolvida no âmbito do subprojeto de História no PIBID. As análises e reflexões aqui apresentadas baseiam-se na produção da revista didática, pensando nas observações em sala de aula, registros de campo, produções dos estudantes, devolutivas da professora supervisora e nas experiências vivenciadas durante as intervenções pedagógicas. O estudo foi desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), em parceria com uma escola da educação básica do Recôncavo Baiano, Colégio Municipal Edwaldo Brandão, sob a supervisão da professora Eliane Caetano.

O processo de elaboração da revista didática constituiu o eixo central das ações pedagógicas desenvolvidas. A produção da revista ocorreu de forma coletiva e colaborativa, envolvendo os estudantes da escola, a professora supervisora e a equipe do projeto, composta pelas bolsistas Josiane de Jesus Florentino, Maria São Pedro da Silva Fiuza e Jamile Batista de Sena. Essa construção coletiva foi fundamental para que o material refletisse tanto o rigor histórico quanto as experiências e leituras produzidas no contexto escolar.

O processo de produção da revista foi organizado em etapas. Inicialmente, realizou-se um levantamento e estudo de referenciais teóricos e historiográficos sobre história local, trabalho feminino, relações raciais e ensino de História, com destaque para os estudos de Elizabete Rodrigues da Silva e Carlos Augusto Braga. Essas leituras subsidiaram a definição dos eixos temáticos da revista e orientaram as

discussões em sala de aula, permitindo o diálogo entre o conhecimento acadêmico e o cotidiano escolar. No que se refere ao uso das fontes históricas, a metodologia priorizou a articulação entre fontes primárias e secundárias. As fontes secundárias foram artigos, dissertações e livros que forneceram a base interpretativa para compreender o contexto histórico da indústria fumageira e as experiências das charuteiras. Já as fontes primárias tiveram papel central na construção do material didático, especialmente as fotografias históricas, os jornais de época e as fichas de registro de empregadas das fábricas de charutos, muito analisadas por Braga (2021). Essas fontes foram utilizadas como disparadores de leitura e interpretação histórica em sala de aula, possibilitando aos estudantes o contato direto com vestígios do passado e estimulando a construção do pensamento histórico crítico. As fotografias permitiram discutir corporalidades, relações de gênero, raça e trabalho, além de problematizar os enquadramentos e as representações construídas sobre as charuteiras. Os jornais da época foram explorados para analisar discursos patronais, notícias sobre greves, conflitos trabalhistas e a forma como a imprensa local retratava as mulheres fumageiras. Já as fichas de registro das empresas possibilitaram reflexões sobre controle patronal, disciplina fabril, hierarquização racial e de gênero, bem como sobre as estratégias de resistência cotidiana adotadas pelas trabalhadoras frente às normas impostas, foram utilizadas também como forma de atividade lúdica e contra capa do material.

As idas à escola ocorreram de forma sistemática ao longo do período de desenvolvimento do projeto, com intervenções pedagógicas planejadas conjuntamente entre a equipe do PIBID e a professora supervisora. As atividades em sala de aula incluíram leituras orientadas, análise coletiva de fontes históricas, rodas de conversa, produção de textos, ilustrações e debates sobre história local, antirracismo e memória. Essas intervenções buscaram valorizar o protagonismo discente, incentivando os estudantes a interpretar as fontes e a elaborar narrativas históricas próprias, posteriormente incorporadas à revista.

Como etapa final, a revista foi organizada, editada e disponibilizada em formato digital, visando ampliar o acesso ao material produzido. A publicação ocorreu no site Roda de Histórias, também coordenado pelo professor Leandro de Almeida, como estratégia de socialização do conhecimento e democratização do acesso aos materiais didáticos produzidos no projeto. O Roda de Histórias é o nome fantasia do grupo de pesquisa Ensino de História no Recôncavo da Bahia, formalizado em 2020

no Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), que reúne professores universitários, docentes da educação básica, mestrandos e graduandos interessados em aprofundar reflexões na área de Ensino de História.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nossos resultados podem ser descritos a partir das etapas vivenciadas ao longo da execução do projeto, com destaque para os impactos observados na escola, nos estudantes, no território e também na nossa formação enquanto futuros docentes. Durante os meses de atuação no PIBID, o contato direto com a escola básica e com a produção de material didático voltado para seus estudantes nos permitiu compreender, na prática, o funcionamento da sala de aula, as necessidades reais dos alunos daquela escola e os limites e possibilidades das metodologias de ensino. As idas à escola e a observação das aulas contribuíram para que compreendêssemos melhor como os estudantes se relacionam com os conteúdos escolares e de que forma se interessam por eles. Esse movimento nos ajudou a ajustar a linguagem e a estrutura do material que estávamos construindo, além de direcionar nossas escolhas metodológicas, que buscaram equilibrar atividades criativas com outras de caráter mais tradicional, considerando os formatos de avaliação aos quais esses estudantes ainda são submetidos no cotidiano escolar.

Em nossas aulas, apostamos em abordagens interativas e diversificadas, com o uso de vídeos, imagens, jornais de época, slides, debates, cruzadinhas e, sobretudo, rodas de conversa. Buscamos sempre romper com a rigidez dos modelos tradicionais de ensino, criando oportunidades para que os estudantes se expressassem por meio da arte e da escrita criativa. Esse esforço foi consolidado na realização da “Oficina das Charuteiras”, um espaço de escuta e devolutiva em que os alunos puderam expressar seus aprendizados por meio de desenhos, poemas, canções e outras produções artísticas. Esse momento foi especialmente valioso, pois nos permitiu perceber, de maneira mais subjetiva e sensível, como eles haviam compreendido o conteúdo. Muitos desenhos retratavam as charuteiras com expressões de cansaço e tristeza, o que revelava não apenas o entendimento do tema, mas também a capacidade dos estudantes de se colocarem no lugar daquelas mulheres. Outros representaram o ciclo da plantação do fumo, com atenção às cores e às etapas do

cultivo, revelando um olhar atento e cuidadoso sobre o processo. Também houve quem escrevesse poemas de homenagem e crítica, sinalizando um envolvimento emocional profundo com as histórias trabalhadas.

Essas expressões nos mostraram que o material didático estava cumprindo seu papel de aproximar os estudantes de sua própria história e identidade. A aceitação positiva por parte deles, o engajamento nas atividades e a curiosidade despertada em torno da cultura fumageira e das experiências das mulheres negras foram indícios claros de que a proposta estava sendo significativa. Além de construir conhecimento, criamos um espaço de valorização da história local, de resgate da memória coletiva e de fortalecimento das identidades dos estudantes. Essa experiência também nos permitiu refletir criticamente sobre o papel da educação na superação das desigualdades raciais, de gênero e sociais. Ao colocarmos as charuteiras no centro do processo educativo, contribuímos para a formação de sujeitos críticos, capazes de reconhecer e valorizar a resistência de seus próprios ancestrais.

A prática extensionista nos ensinou que não basta inserir novos conteúdos no currículo: é necessário também repensar as formas pelas quais o conhecimento é produzido e compartilhado. Trabalhar com as histórias das charuteiras foi um exercício de escuta e reconstrução de narrativas silenciadas, que envolveu não apenas os estudantes, mas também suas famílias e a própria comunidade escolar. O contato com essas memórias nos levou a reconhecer a importância de uma educação decolonial, pautada pela oralidade, pela vivência e pela ancestralidade como elementos fundantes da formação escolar. A escola, nesse processo, deixou de ser apenas um espaço de transmissão de saberes e passou a ser reconhecida como território de escuta, afeto e transformação social.

A produção da revista, nesse contexto, foi uma ação educativa que aproximou universidade e escola, ressignificando o currículo escolar a partir da memória social e da ancestralidade dos estudantes. Essa proposta pedagógica está em consonância com uma educação decolonial e antirracista, que valoriza as vozes silenciadas pela historiografia tradicional e rompe com os padrões eurocentrados de ensino.

A ancestralidade, conceito central em nossas intervenções pedagógicas, aparece não como um resgate nostálgico do passado, mas como uma ferramenta de empoderamento e pertencimento. Reconhecer nas charuteiras figuras ancestrais permite aos estudantes, especialmente os negros, construir uma identidade positiva e crítica. Essa abordagem se revelou especialmente potente quando

associada às narrativas orais, expressões artísticas e vivências comunitárias trazidas pelos próprios alunos, reforçando o caráter dialógico e transformador da experiência. A seção “Quem são as charuteiras?” apresenta histórias de enfrentamento de preconceitos, transformação do papel da mulher na família e na sociedade, divisão sexual do trabalho e protagonismo comunitário. Discutir esses pontos com os alunos é fundamental, pois oferece a eles um espelho de identidade e um exemplo concreto de resistência feminina negra em sua própria região. Essa aproximação desperta o sentimento de pertencimento e ajuda a romper com visões estereotipadas, reforçando a compreensão de que a história local é feita também por mulheres que desafiaram normas e construíram caminhos de autonomia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência extensionista desenvolvida com a produção da revista didática demonstrou a potência de uma prática pedagógica crítica, antirracista e potencializada na valorização das memórias locais. O objetivo de promover o ensino de História de forma sensível e comprometida com a realidade dos estudantes foi alcançado ao estabelecer conexões entre passado e presente, entre a ancestralidade negra feminina e a formação identitária das novas gerações. O projeto evidenciou impactos significativos tanto na formação dos estudantes da escola básica quanto na dos licenciandos envolvidos. O uso da história local como ferramenta de pertencimento, o desenvolvimento da consciência crítica sobre desigualdades estruturais e o fortalecimento de vínculos afetivos e pedagógicos entre universidade e comunidade se destacam como principais aprendizados da ação. A escuta ativa, o uso de linguagens diversas e a produção coletiva de conhecimento foram elementos essenciais para o sucesso da iniciativa.

Apesar dos avanços, algumas limitações foram identificadas, como as restrições estruturais da escola parceira e o desafio de adaptar linguagens acadêmicas a um público infantojuvenil. Essas dificuldades, entretanto, também revelaram caminhos para futuras melhorias, como a ampliação do material em formatos acessíveis (audiovisuais e digitais) e a continuidade do projeto em outras turmas e escolas da região.

A experiência reforça a importância da extensão universitária como espaço de transformação, de troca de saberes e de enfrentamento ao racismo estrutural presente

nas práticas escolares e na sociedade em geral. O trabalho com as charuteiras permitiu ressignificar memórias silenciadas e reconhecer as mulheres negras como protagonistas da história local, contribuindo para a formação de sujeitos conscientes, críticos e comprometidos com a justiça social. Além disso, a ação fortaleceu o vínculo entre universidade e comunidade, revelando a relevância da educação pública como instrumento de emancipação e construção coletiva de saberes.

AGRADECIMENTOS

A quem me deu a capacidade de escrever e ensinar. Obrigada, mãe.

Agradeço também ao coordenador Prof. Leandro de Almeida e à supervisora Eliane Caetano; às minhas colegas de equipe, Josiane Florentino, Maria Fiuza e Jamile Sena; a meu amigo que produziu a capa do nosso material, Silvio Pereira; à CAPES.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História - Fundamentos e Métodos**. 2a edição, 2008

BRAGA, Carlos Augusto. **Operarias Negras Lutas Controle Patronal Fabrica Charutos 1910-1960**. UFBA, Salvador, 2021

CARINE, Bárbara. **Como ser um educador antirracista**. Editora Planeta, São Paulo, 2023.

GOMES, Nilma Lino. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos**. Currículo sem Fronteiras, v. 12, n. 1, p. 98–109, jan./abr. 2012.

GUERRA, Luciana. **Manufaturas de Fumo no Recôncavo Baiano**: Vestígios de Patrimônio Industrial. UFBA, Salvador, 2014.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SILVA, Ana Paula. **Produção Fumageira**: Fazendas e Lavradores no Recôncavo da Bahia 1774 – 1830. Salvador, 2015.

SILVA, Elizabete Rodrigues da. **Fazer charutos**: uma atividade feminina. Dissertação de Mestrado em História. Salvador: FFCH-UFBA, 2001.

SILVA, Elizabete Rodrigues. **Mulheres Fumageiras Recôncavo Baiano**. UFBA, Salvador, 2011 - Tese.

SILVA, Elizabete Rodrigues. **Resistência Inventiva das Mulheres Fumageiras do Recôncavo Baiano**. Revista Feminismos, 1ª edição, Janeiro de 2013.

SILVA, Viviane dos Santos. **Negras Memórias**: Trabalho e Família das Mulheres Fumageiras no Recôncavo Baiano (1950-1990). UNEB, Santo Antônio de Jesus, 2023.

SOARES MAGALHÃES, G.; FLORENTINO, J. de J.; SÃO PEDRO, M. F.; SENA, Jamile. AS CHARUTEIRAS: resistência de gênero e raça na produção de fumo no Recôncavo Baiano. **Roda de Histórias**, Programa PIBID–História, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 17 maio 2024. Disponível em: <https://www.rodahistorias.pro.br/post/charuteiras-revista>.